



Universidade Federal de São Carlos – UFSCar  
Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH  
Departamento de Ciências Sociais - DCSO

**Gabriela Folegatti de Azevedo**

**Lugares sagrados Pataxó: entre mais-que-humanos, natureza e identidade cultural**

São Carlos – SP  
2021

**Gabriela Folegatti de Azevedo**

**Lugares sagrados Pataxó: entre mais-que-humanos, natureza e identidade cultural**

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, como trabalho de conclusão de curso.  
Orientador: Felipe Ferreira Vander Velden

São Carlos – SP  
2021

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo relacionar os locais sagrados para os Pataxó, onde alguns de seus seres mais-que-humanos habitam. Busca-se estabelecer uma ligação entre natureza e espiritualidade e como, para a perpetuação da espiritualidade Pataxó, faz-se importante a preservação da mata. Desta forma, vários seres mais-que-humanos, junto com a mata, cuidam dos Pataxó, constituindo sua espiritualidade; em contrapartida, os Pataxó cuidam da mata, que é a morada dos mais-que-humanos. Revela-se, então, uma relação entre natureza e cultura, na qual a cultura Pataxó está ligada aos seus lugares – à natureza –, o que torna a conservação ambiental da região fundamental. Portanto, espero explicar como a produção da identidade Pataxó possui um elo com os seres mais-que-humanos que habitam a mata e cuidam dos Pataxó por meio do cuidado com a mata.

**Palavras-chave:** *Identidade; Pataxó; Humanos e mais-que-humanos; Natureza e Cultura; Espiritualidade; Conservação ambiental.*

**Abstract:** This article aims to list the sacred places for the Pataxó, where some of their more-than-human beings live. The aim is to establish a link between nature and spirituality and how, for the perpetuation of the Pataxó spirituality, the preservation of the forest is important. In this way, several more-than-human beings, together with the forest, take care of the Pataxó, constituting their spirituality; on the other hand, the Pataxó take care of the forest, which is the home of more-than-humans. Thus, a relationship between nature and culture is revealed, in which the Pataxó culture is linked to its places – to nature –, which makes the environmental conservation of the region fundamental. Therefore, I hope to explain how the production of the Pataxó identity has a link with the more-than-human beings that inhabit the forest and take care of the Pataxó through caring for the forest.

**Key words:** *Identity; Pataxó; Humans and more-than-humans; Nature and Culture; Spirituality; Environmental conservation.*

## 1 Introdução

Da praia ao interior, a região da Terra Indígena Barra Velha foi e ainda é de grande relevância para a subsistência das famílias Pataxó que lá habitam, fornecendo alimentos como mandioca para produção de farinha e caium<sup>1</sup>, peixe, coco, mangaba<sup>2</sup>, mariscos e plantas como hortelã, boldo e amesca<sup>3</sup> que são utilizadas para fins medicinais (POVO PATAXÓ, 2011). Ademais, é um importante local de conservação da fauna e flora de parte da Mata Atlântica brasileira (CARDOSO; PINHEIRO, 2012).

Além dessa dimensão material ou econômica, cada espaço do território tradicional Pataxó é singular e traz consigo também um valor histórico, cultural e religioso. Espíritos, encantados, Naô Katumbayá (Espírito da Mãe da Mata) entre outros seres mais-que-humanos fazem de moradas locais como a mata, o Céu Azul, Monte Pascoal e a Juacema (POVO PATAXÓ, 2011; CARDOSO; PINHEIRO, 2012).

A proposta deste artigo é elencar e discutir esses locais sagrados para os Pataxó, bem como onde cada ser mais-que-humano habita. Com isso, espera-se demonstrar a estreita relação entre a preservação da mata e perpetuação da espiritualidade Pataxó. Assim sendo, os Pataxó cuidam das matas, e as matas, junto dos seres que ali habitam, cuidam dos Pataxó, afirmando parte de sua espiritualidade. Nesse sentido, existe um nexo entre cultura e natureza/meio ambiente/território Pataxó, que torna fundamental a conservação ambiental na sua região. A relação entre cultura e natureza, assim, aparece aqui em uma espécie de determinação: a cultura Pataxó está ligada aos seus lugares. Com isso, espero demonstrar a centralidade da presença de, e a convivência com, diversos seres mais-que-humanos na produção da própria identidade Pataxó da Terra Indígena Barra Velha.

O texto então, foi organizado da seguinte forma, primeiro, foi feita uma breve contextualização sobre os Pataxó, a situação das Terras Indígenas no extremo sul baiano e a história desse povo. Posteriormente, dediquei-me a discorrer sobre a

---

<sup>1</sup> Bebida fermentada a base de aipim (mandioca).

<sup>2</sup> Mangaba é uma fruta pequena, verde e redonda, que se encontra em Mussunungas - nome dado pelos Pataxó ao solo arenoso localizado perto da praia e dos rios (CARDOSO; PINHEIRO, 2012).

<sup>3</sup> Amescla, ou amesca como é chamada pelos Pataxó, é uma árvore que produz uma resina usada nos awês e rituais como forma de incenso (CARDOSO; PINHEIRO, 2012).

relação entre os fazendeiros e órgãos de fiscalização ambiental com os Pataxó. Em seguida, trouxe a relação entre território e espiritualidade, quando exponho sobre o conceito de território para este povo indígena, as noções de natureza e espiritualidade, e uma curta descrição sobre os seres mais-que-humanos e os pajés no contexto Pataxó. Na sequência trago os lugares que são considerados sagrados por esse povo e o encantamento e desencantamento desses lugares. Por fim, faço minhas considerações finais.

## **2 Traçando o mapa da coleta de informações**

Para constituir a parte histórica e alguns dos conceitos mobilizados no texto, utilizei como base os livros escritos pela própria comunidade Pataxó: *“Inventário Cultural Pataxó”*, *“A cultura informe o homem”*, *“Uma história de resistência Pataxó”*, *“Leituras Pataxó: raízes e vivências do povo Pataxó nas escolas”* e *“Boitatá e outros casos de índios”*. Já a parte teórica foi extraída tanto de textos escritos por antropólogos quanto de historiadores. Usei como base também meus relatórios da Iniciação Científica - I.C. para complementar algumas informações.

No presente momento, devido à pandemia de COVID-19, não tive contato com o campo. No entanto, como nativa da Cumuruxatiba e residente do município de Porto Seguro, tive uma vida inteira de diversas vivências nas aldeias da T.I. Barra Velha, principalmente as de Boca da Mata, Barra Velha e Pé do Monte, vivências estas que usei como respaldo para escrever o texto. Sendo assim, o método utilizado para elaborar o texto foi a pesquisa de campo, com observação participante, ainda que esta não tenha sido, no momento de sua realização, assim definida; somente agora, com o exercício de escrita deste artigo, é que ressignifico minha experiência passada como pesquisa de campo devido ao fato de que ela produziu dados que permitem a reflexão antropológica a que procedo aqui neste texto.

A primeira fase de coleta de dados aconteceu nos meses de fevereiro e março de 2021, com a revisão bibliográfica dos textos que já haviam sido utilizados para elaboração de parte do relatório da I.C. A proposta do tema da pesquisa foi

estabelecida no final do mês de abril e, durante os meses de maio e junho dediquei-me a escrever o artigo e fazer ajustes no mesmo.

### 3 Contextualização dos Pataxó

O significado do etnônimo Pataxó é explicado por este povo, sendo *pata*, traduzido como “barulho do mar quando bate na pedra”, e *xó*, “barulho do mar quando recua” (POVO PATAXÓ, 2011). Com uma população com cerca de 12.326 pessoas, segundo o último censo realizado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena - SESAI em 2014<sup>4</sup>, o povo Pataxó tem aldeias situadas nos municípios de Araçuaí, Açucena, Carmésia e Itapeçerica, no estado de Minas Gerais e, no estado da Bahia, nos municípios de Porto Seguro, Prado, Itamaraju e Santa Cruz Cabrália (CARDOSO; PINHEIRO, 2012).

A língua materna Pataxó, conhecida como Patxôhã - *pat*, de “Pataxó” e *xôhã*, de “*guerreiro*” (BOMFIM, 2014), pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, alocada na família Maxakali, e está em processo de revitalização, sendo, então, o Português a principal língua falada e ensinada nas comunidades (POVO PATAXÓ, 2011).

No extremo sul baiano, a maior terra Indígena Pataxó encontrada é a T.I. Barra Velha, localizada no município de Porto Seguro, com 8.627 hectares regularizados e 44.121 hectares na situação de reestudo, de acordo com o site da Fundação Nacional do Índio - FUNAI<sup>5</sup>. Dentro dos 52.748 hectares, isto é, a área regularizada mais a extensão que está em reestudo, situam-se as aldeias de Barra Velha, Aldeia Nova, Boca da Mata, Bugigão, Campo do Boi, Cassiana, Corumbauzinho, Craveiro,

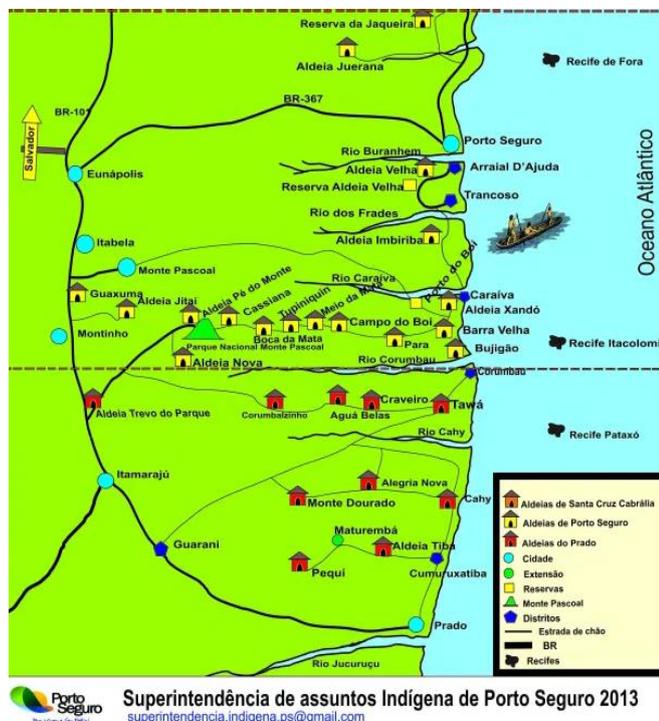
---

<sup>4</sup> Informação tirada do site do Instituto Socioambiental – ISA:  
<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>

<sup>5</sup> Informação tirado do site da Fundação Nacional do Índio - FUNAI:  
<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>

Guaxuma, Jitaí, Meio da Mata, Pará, Pé do Monte, Porto do Boi, Trevo do Parque, Tupiniquins, Xandó (CARDOSO; PINHEIRO, 2012) e Nova Esperança<sup>6</sup>.

Mapa das aldeias Pataxó da região de Porto Seguro, Prado e Santa Cruz Cabrália



. Elaborado pela Superintendência de assuntos Indígena de Porto Seguro disponibilizado no site da Reserva Pataxó Aldeia Velha: <https://aldeiavelha.wordpress.com/2013/06/15/mapa-das-aldeias-pataxo/>

A história do povo Pataxó tem uma relação intrínseca com o território que este povo habita. A região ocupada pelos Pataxó no extremo sul baiano foi cenário de diversos acontecimentos históricos, tendo sido marcada, primeiro, pela chegada dos portugueses em 1500 – o que é considerado o próprio “achamento” do Brasil – e, posteriormente, por uma sequência de inúmeros conflitos entre não indígenas e indígenas e torno do território tradicional Pataxó.

Os Pataxó faziam parte dos grupos de língua Jê conhecidos como Tapuias que, ao contrário dos povos Tupi e Guarani, que possuíam a imagem de indígenas mansos, carregavam a imagem de bárbaros, selvagens e indomáveis que guerreavam por seus territórios (CARNEIRO DA CUNHA, 1992). Dada esta visão

<sup>6</sup> Nova Esperança é uma aldeia que foi constituída recentemente, e que ainda não consta nos mapas e em nenhum texto. Essa informação veio após uma das minhas visitas à T.I. Barra Velha [12/2016].

estereotipada, foram alvos da política de catequização promovidas pela ouvidoria da Capitania de Porto Seguro (POVO PATAXÓ, 2011) e das Guerras Justas<sup>7</sup> por parte da Coroa Portuguesa (PEREIRA,2018). E, em 1861, os Pataxó foram aldeados após o Decreto nº 22, de 20 de janeiro de 1854, promulgado por Antônio da Costa Pinto, até então Presidente da Província da Bahia, o que para Paraíso (1994) proporcionou maior facilidade de acesso à mão de obra indígena pelos poderes locais e favoreceu a catequização do grupo.

A maior cicatriz da história Pataxó ocorreu no ano de 1951, com o “Fogo de 51”<sup>8</sup>, também conhecido como “Massacre de 51”. Foi quando as famílias Pataxó da Aldeia Barra Velha seguiram destinos diferentes, algumas pessoas permaneceram na aldeia, outras se esconderam na mata e alguns foram trabalhar em fazendas (POVO PATAXÓ, 2011).

Dez anos após o acontecido, outro empecilho surgiu nas vidas das famílias Pataxó que ainda habitavam a Aldeia Barra Velha e a região do Monte Pascoal: houve a oficialização do Parque Nacional do Monte Pascoal – PNMP, no exato local em que se situa o território tradicional Pataxó (POVO PATAXÓ, 2011). Logo, os Pataxó foram em busca de seus direitos e, para isso, mobilizaram a sua cultura<sup>9</sup> para reivindicar o direito pela demarcação de sua T.I. (CARVALHO, 2009).

E, em 1988, a T.I. Barra Velha foi reconhecido através do Decreto 94.945/87, Resolução 02, depois de um acordo feito entre a Fundação Nacional do Índio - FUNAI e Instituto Brasileiro de Defesa Florestal- IBDF, uma vez que parte do território iria ser sobreposto ao PNMP (CARVALHO, 2009). A homologação da T.I. só ocorreu em

---

<sup>7</sup> No ano de 1808, com a chegada da família real ao Brasil, D. João VI decretou as Guerras Justas, as quais os grupos de indígenas que habitavam o oeste de São Paulo e as matas ainda preservadas do norte de Minas Gerais, Espírito Santo e sul da Bahia – os sertões- sofreram com a escravização, violência e morte, e seus territórios foram tomados para fins econômicos (PEREIRA,2018).

<sup>8</sup> A história do “Fogo de 51” trata-se de dois homens que chegaram à Aldeia Barra Velha e foram recepcionados pelos indígenas, que acharam que eram engenheiros mandados para fazer as medições da T.I.; no entanto, eles eram ladrões que assaltaram uma pequena venda no vilarejo de Corumbau e se refugiaram na aldeia. O dono da venda assaltada notificou os policiais dos municípios de Prado e Porto Seguro que os indígenas teriam assaltado sua venda (PROFESSORES INDÍGENAS: POVO PATAXÓ, 2007). Os policiais, por sua vez, foram até a aldeia e cometeram atrocidades como estupros e assassinatos (POVO PATAXÓ, 2011).

<sup>9</sup> Carneiro da Cunha (2009) estabelece uma nova concepção de “cultura”, com aspas, que é produzida e utilizada como forma de luta pelos direitos indígenas, que se apropriam, reconfigurando-o, do conceito antropológico.

1991 com o Decreto nº 396<sup>10</sup>, após muita pressão feita por Epifânio, liderança de Barra Velha (SANTOS, 2017).

Todavia, mesmo com parte do território tradicional demarcado, a luta por ele permaneceu para que houvesse uma ampliação. Essa decisão de que deveria haver uma ampliação foi tomada em 1999, na Assembleia do Conselho de Caciques, bem como a decisão de retomar a área em que se situa o Monte Pascoal (PROFESSORES PATAXÓ DO EXTREMO SUL DA BAHIA, 2007).

Apesar de todo o sofrimento nós resistimos e unimos nossas forças. No dia 19 de agosto de 1999, reconquistamos o Monte Pascoal que, para nós, é um lugar sagrado, onde estão nossas raízes e onde estão brotando e dando novos frutos, que são as gerações do futuro do nosso povo. (PROFESSORES INDÍGENAS: POVO PATAXÓ, 2007)

Livros produzidos pelos próprios Pataxó, como *“Inventário Cultural Pataxó”*, *“Uma história de resistência Pataxó”*, *“Leituras Pataxó: raízes e vivências do povo Pataxó nas escolas”*, que, inclusive, serviram de embasamento para boa parte dessa pesquisa, contam as histórias vividas pelos Pataxó e as relações – de subsistência e espiritual – que têm com seu território tradicional, e como a luta por ele é de grande relevância para manutenção da cultura e de espiritualidade Pataxó. Pois, além do território alimentar o corpo ele alimenta o espírito.

Parto então do conceito que um lugar sagrado é, como apontado na citação acima, um lugar onde a história Pataxó está presente e onde ela continua se perpetuando. Isto é, um local sagrado conecta suas raízes, as gerações passadas, com seus novos frutos, as gerações presentes e futuras.

#### **4 Entre PNMP e fazendas**

As raízes da luta pelo território tradicional se espalharam através do tempo, e os problemas com fazendeiros e com PNMP não deixam de ser uma realidade atual.

---

<sup>10</sup> Informação tira do site da Presidência da República Casa Civil: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/D0396.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0396.htm)

Contemporaneamente, a agricultura, a especulação imobiliária, a pecuária e as plantações industriais de eucalipto ainda são uma ameaça para esse território (PEREIRA, 2018), além dos conflitos envolvendo os órgãos fiscalizadores responsáveis pelo Parque Nacional do Monte Pascoal (CARDOSO, 2016).

A visão utilitarista de território, partilhada pelos fazendeiros, bate de frente com o significado histórico-cultural que essa extensão de terra tem para os indígenas. A posse de terra, para os fazendeiros, não se trata apenas de uma questão econômica, mas igualmente de uma questão política, uma vez que, em uma sociedade na qual o coronelismo ainda se faz presente, há uma relação entre quanto maior a quantidade de terra maior poder político se tem sobre a sociedade regional (LEAL, 1948).

Em 2014, os conflitos entre fazendeiros e Pataxó se intensificaram após a retomada das fazendas Brasília e Barra Mansa, feita pelos Pataxó no limite da área em reestudo da T.I. Barra Velha. A retomada foi feita com o intuito de forçar o governo a acelerar o processo de demarcação dessa extensão que está em reestudo<sup>11</sup>.

Esse conflito mais recente entre fazendeiros e os Pataxó foi integrado principalmente pelos indígenas das aldeias mais próximas ao limite da T.I., as aldeias de Boca da Mata, Cassiana, Jitaí e Guaxuma (CARDOSO, 2016). E, ao contrário do que consta no site do Conselho Indigenista Missionário - CIMI, que afirma que foram apenas duas as fazendas retomadas, trataram-se de dez fazendas no primeiro momento que, a posteriori, passaram a ser onze com a retomada de uma fazenda ligada à Veracel Celulose (CARDOSO, 2016).

Nessa época de retomada, em 2014, a situação entre os indígenas e fazendeiros tomou um curso assustador, que levou a um conflito armado. Lembro-me que, em minhas idas à aldeia de Boca da Mata, era preciso tomar cuidado na estrada para que não se caísse em tocaias feitas pelos capangas dos fazendeiros, quando também eram frequentes os disparos de tiros feitos contra os carros que passavam no sentido da aldeia.

A interrupção desse conflito só se deu depois dos pedidos de reintegração de posse por parte dos fazendeiros e do órgão ambiental federal (CARDOSO, 2016). O cumprimento judicial contra a retomada Pataxó aconteceu de forma truculenta, as

---

<sup>11</sup> Informação tirada do site do Conselho Indigenista Missionário - CIMI: <https://cimi.org.br/2014/04/35944/>

ações tomadas pelos policiais locais, juntamente com a Companhia Independente de Policiamento Especializado da Mata Atlântica – CAEMA, foram relatados em uma postagem feita no Facebook pelo professor da Universidade Federal de Minas Gérias – UFMG, Marco Scarassatti<sup>12</sup>.

Na postagem, Scarassatti aponta que os comentários feitos pelos policiais eram que iam “descer o cacete” nos indígenas. Relatou também que a polícia começou a ação antes mesmo de esperar a chegada da FUNAI e que o dono da fazenda a qual ia ser reintegrada passou no local da ação. Expôs, ainda, a falta de respeito que os policiais tiveram com a comunidade indígena durante a ação, postando até um vídeo no qual os policiais atiravam balas de borracha em direção aos indígenas.

\*\*\*\*\*

Como dito anteriormente, outro conflito pelo território enfrentado pelos Pataxó, se dá com os órgãos de fiscalização ambiental, dado que a T.I. Barra Velha está sobreposta ao PNMP, que é uma Unidade de Conservação (U.C.) federal. O modelo utilizado, quando houve a criação do parque, foi o importado da corrente preservacionista que cresceu durante o século XVIII e XIX na Inglaterra e nos Estados Unidos (DIEGUES, 2008).

Para melhor compreensão do que se trata uma U.C., faço uma breve recapitulação sobre como esse conceito foi constituído. Com o avanço da história natural e a disseminação de obras românticas sobre natureza selvagem, nasce, em 1871, o primeiro Parque Nacional – P.N. nos Estados Unidos, o P.N. de Yellowstone, com o conceito de conservação de uma área selvagem. O Congresso dos Estados Unidos define, então, que esses parques são reservas e que ocupações e vendas dessas terras são proibidas. Assim sendo, uma U.C. preza a conservação da natureza

---

<sup>12</sup> Vídeo da ação policial filmado pelos Pataxó e postada na rede social do Marco Scarassatti e o relato feito por ele: <https://www.facebook.com/video.php?v=10205431574811659&amp%3Bfref=nf>

e a protege contra o desenvolvimento; seria então um lugar onde seres humanos não deveriam viver e apenas visitar (DIEGUES, 2008).

O maior problema na implementação desse modelo de parque tanto no Brasil quanto nos demais países da América Latina foi a sobreposição de suas áreas com áreas ocupadas por populações tradicionais, somados aos problemas fundiários já existentes (DIEGUES, 2008). A criação do PNMP foi o cerne desse problema para os Pataxó, uma vez que a área do território tradicional Pataxó é a mesma área do parque.

A gênese do PNMP foi resultado da origem do Código Florestal da Constituição de 1937, criado durante o período do Estado Novo, por Getúlio Vargas, o qual previa a criação de parques nacionais por todo o território brasileiro (CARVALHO, 2009), política esta embasada nos modelos de parques estadunidenses (PEREIRA, 2018). No ano seguinte à criação do Código Florestal, Vargas, a fim preservar o local da chegada dos portugueses em 1500, e visando formar uma identidade nacional, após expedições ao extremo sul baiano, propõe o nascimento do PNMP (CARVALHO, 2009).

Embora o processo de constituição do PNMP tenha se iniciado no ano de 1938, foi apenas no ano de 1961 que foi oficializado, por Tancredo Neves e, de acordo com o dossiê produzido por Carvalho (2009), a presença dos indígenas no território foi desconsiderada durante todo esse processo de constituição.

Logo, a área delimitada como parque passou ter a fiscalização do IBDF e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, mais tarde substituídos pelo Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade – ICMBio, e, por ser uma área de conservação integral, impossibilitou a existência de roças e de atividades de caça e coleta de recursos para a subsistência dos Pataxó em seu interior (POVO PATAXÓ, 2011; PEREIRA, 2018). Por conseguinte, a comunidade indígena local foi à luta, reivindicando seus direitos para que aquele território fosse demarcado como T.I. (SANTOS, 2017).

A soma de dois fatores – a sobreposição de áreas e a divergência em torno do conceito de território e sua conservação – acarretaram no desentendimento entre os órgãos de fiscalização ambiental e os indígenas, mesmo já havendo a Política

Nacional de Gestão Ambiental em Terras Indígenas - PNGATI<sup>13</sup>, que garante a gestão compartilhada.

Assim, de um lado onde há uma separação entre natureza e sociedade (DESCOLA, 1998) é defendida a conservação da natureza sem a interferência humana e que acredita que o fato da comunidade indígena tirar sua subsistência da mata geraria algum tipo de desequilíbrio natural (DIEGUES, 2008). E, do outro lado, onde o universo da cultura e o universo da natureza não se separam (DESCOLA, 1998), os Pataxó, entendem que sua presença e suas práticas de coleta de certos recursos não agridem a biodiversidade existente – ao contrário, suas práticas estão intimamente atreladas à preservação da região e de suas matas.

## **5 Território e espiritualidade: os seres mais-que-humanos Pataxó**

O significado do termo território pode ser dado de diferentes formas, dependendo apenas da origem e cultura do indivíduo que o mobiliza. No artigo *“Territorio como cuerpo y territorio como naturaleza: diálogo intercultural?”*, Echeverri (2004) discorre como o movimento indígena colombiano mobiliza tal termo, que se diferencia tanto do sentido jurídico-político, de que território seria um espaço geográfico com uma soberania e poder político marcados por uma fronteira, como do sentido empregado pelas ciências naturais, no qual o território é uma área onde determinado indivíduo e/ou espécie se reproduz, se alimenta e o defende.

Território, para os povos indígenas na Colômbia, é uma noção ligada à história de um coletivo e sua associação a um determinado local, sem ser necessária uma demarcação exata; isto é, território é um marco de uma identidade étnica que independe de um limite (ECHEVERRI, 2004)

[...] aunque puede llegar a demarcarse y limitarse, se define no tanto por sus fronteras y límites como por marcas geográficas que señalan la ligazón de un grupo humano a un paisaje y una historia. (ECHEVERRI, 2004, p. 261)

---

<sup>13</sup> Informação tirada do site de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas: <http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/pngati/instrumentos/>

A história Pataxó, como dito na contextualização acima, tem um elo profundo com o território em que habitam. A luta pelo território tradicional está repleta de memórias sobre as histórias vividas pelos seus antepassados e os encontros que tinham antigamente com seus aliados. Logo, faço uma associação entre a noção de território estabelecida pelos povos indígenas colombianos e uma noção do que seria território para os Pataxó, tendo como base as falas como estas ditas pelos próprios Pataxó:

O Monte Pascoal, nosso Pé de Pedra, é terra indígena, baliza de nossa história, salão de nossas festas, altar e memória de nossos antepassados. Terra que representa o canto do paió, sossego da onça pintada, o som do sabiá, o tinir da araponga, a sombra do jequitibá e tantas outras formas de vida da Mata Atlântica que queremos preservar, como sempre fizemos. (PROFESSORES PATAXÓ DO EXTREMO SUL DA BAHIA, 2007, p. 3)

A fala citada acima, também ressalta a natureza, isto é, os animais, as plantas e os espíritos dos antepassados que constituem esse território, que são de extrema importância ao mesmo tempo para a subsistência e para a espiritualidade Pataxó. Conforme Braz (2012), é necessário sempre ouvir e observar a natureza, dado que o que acontece com a natureza acontece com os Pataxó, ou seja, quando se cuida bem da natureza, coisas boas acontecem com os indígenas e os espíritos bons permanecem nos lugares. No entanto, quando não existe cuidado com ela os espíritos bons se afastam e apenas os espíritos ruins ficam nas proximidades.

Uma das lideranças da Aldeia Boca da Mata, Edimarcos Ponçada Santana, o Edi, conta que a relação entre os Pataxó e a natureza é muito forte. A natureza provê a subsistência desse povo e abriga seus antepassados. De acordo com ele, esse respeito que os Pataxó têm com a natureza emana da sua espiritualidade, fato de a natureza ser a morada dos espíritos dos antepassados. A força da natureza, os rios, a mata e as cachoeiras carregam a força dos ancestrais Pataxó. Assim sendo, a natureza então, nada mais é do que fonte da espiritualidade. A noção de espiritualidade está dissociada de religião no ponto de vista desse povo, isto é, não

se fala em uma “religião Pataxó”. Para se caracterizar religião é necessária uma institucionalidade religiosa<sup>14</sup> que, no caso, não existe aqui (MALUF, 2011).

Para referir-me aos seres que compõe a espiritualidade Pataxó – espíritos dos antepassados, Naô Katumbayá, espíritos de pessoas ruins, encantados e caboclos – , trago a noção de seres mais-que-humanos. Conforme Durazzo e Segata (2020, p.4), os mais-que-humanos são entidades sobrenaturais “que chamamos mais-que-humanas por seu estatuto diferencial frente aos humanos viventes”. A história da Naô Katumbayá, de acordo com Santos (s/d), conta-se que a Katumbayá foi uma indígena ou um indígena que se perdeu na mata e acabou ganhando os poderes do Espírito da Mãe da Mata. Isto é, após a/o indígena se perder na mata, encantou-se e ganhou os poderes do Espírito da Mãe da Mata e, assim, assumindo sua mais-que-humanidade.

O mesmo acontece com pessoas ruins. Nesse caso, a mais-que-humanidade pode se dar de duas formas: a pessoa que é ruim em vida vira um espírito ruim ou vira um bicho bravo. Os espíritos ruins ficam vagando por aí como visagens e ficam encostados nas pessoas tentando atraí-las até eles fazendo barulhos, sempre na tentativa de fazer mal a elas. É possível encontrá-los nos sonhos também, e, quando isso acontece, o espírito ruim tenta atrair a pessoa da mesma forma, através do barulho, para capturar o espírito do sonhador e levá-lo para o mundo dos mortos (CARDOSO, 2018).

Segundo os Pataxó, ao ouvir o barulho que é feito pelos espíritos ruins é importante não o responder. No caso do sonho, o espírito ruim pode tentar pegar o espírito do sonhador e ele pode acabar adoecendo ou até morrendo. Já quando a pessoa está acordada e responde ao chamado do espírito ruim, coisas ruins podem acontecer com a ela (CARDOSO, 2018).

Uma história sobre bicho bravo, contada por Santos (s/d), é a da porca espinha, um bicho com “dentes enormes, cara de gente e pelo espinhoso” e que aparece na época da quaresma. A origem desse mais-que-humano se dá por mulheres que não “escutam as palavras dos pais e viram mulheres de más condutas” e, como castigo, se transformam em porca espinha e ficam a perseguir pessoas.

---

<sup>14</sup> A institucionalidade religiosa se dá através dos templos religiosos e uma filiação religiosa específica (MALUF, 2011).

Conforme Cardoso (2016), os caboclos são grandes lideranças e pajés de tempos imemoriais que, na hora da morte, foram encantados e se transformaram nos caboclos, habitando a mata, os rios e o mar, assim como os encantados. Aparecem geralmente nas festas de santos, quando se toca o tinderê<sup>15</sup>, incorporando no corpo de alguns Pataxó para trazer mensagens do futuro e conselhos.

Os espíritos dos antepassados, conta Edi, são espíritos dos ancestrais Pataxó que vivem na natureza e passam sua força para ela. Esses espíritos, através do sonho, conversam, passam mensagens, dão avisos e sermões para os indígenas.

Assim como os espíritos dos antepassados, os encantados também se comunicam através dos sonhos com os Pataxó, e vivem em certos locais da natureza, como o mar, a mata e os rios, da mesma forma que os caboclos. Os encantados, por sua vez, possuem uma força muito grande, quando são evocados pelas rezas dos Pataxó são capazes de “virar a cabeça dos pistoleiros e a fazer espingarda não atirar”<sup>16</sup> (CARDOSO, 2018).

A interação desses seres mais-que-humanos com os Pataxó podem ser pensadas de dois modos. No caso dos espíritos ruins e dos bichos bravos, são interações desarmoniosas, as quais sempre ocasionam o adoecimento de uma pessoa ou a sua morte. Por outro lado, os caboclos, espíritos dos antepassados e encantados possuem uma relação harmoniosa com os Pataxó, protegem-nos de males, sejam eles advindos de problemas espirituais ou de problemas com outras pessoas (humanas).

Em relação aos males espirituais enfrentados pelos Pataxó, é por intermédio dos rezadores que agem os encantados para resolver o problema. Embora, como dito antes, seja possível perceber a presença desses seres mais-que-humanos por barulho, visagens e serem visitados por eles nos sonhos, é só o rezador que possui tal habilidade para acessar o mundo invisível (CARDOSO, 2018).

---

<sup>15</sup> Chamado de samba de chula por Cardoso (2016), o tinderê é forma Pataxó de fazer o de samba de reis, juntando as músicas de samba de reis com os cantos Pataxó.

<sup>16</sup> Situação vivida durante a época de retomada

O rezador/pajé<sup>17</sup> através da reza, comunica-se com os entes mais-que-humanos e possui a técnica para acessar o mundo onírico. Como, por exemplo, no caso de algum espírito ruim que captura o espírito do sonhador em um sonho, só o rezador é capaz de entrar no mundo onírico e agir para que o espírito da pessoa volte para seu corpo (CARDOSO, 2018).

Além de rezar, os pajés também benzem as pessoas e as curam através dos remédios feitos com ervas medicinais. As pessoas que se tornam pajés para realizarem tal feitos carregam consigo, desde o seu nascimento, “um dom espiritual e a força dos ancestrais”. Ademais, parte desse conhecimento é passado pelos mais velhos e pelos pajés antecessores (POVO PATAXÓ, 2011).

Assim, território é entendido como lugar ligado à história de um povo e, através de seus lugares sagrados, marca a união entre espiritualidade e os Pataxó. Sendo os lugares sagrados, lugares onde a ocorreram marcos da história Pataxó e, por isso, se tornaram a morada dos seres mais-que-humanos, sendo essenciais para a espiritualidade desses indígenas.

## **6 Lugares sagrados**

Lugares como a Juacema, Monte Pascoal e Céu Azul são lugares sagrados, pois, são neles que a história e a espiritualidade Pataxó se encontram. Os “Lugares de índios”, como são chamados, são lugares em que os antepassados Pataxó viveram e que contam a história desse povo, além de serem as moradas dos encantados (CARDOSO, 2016).

### **6.1 Juacema**

---

<sup>17</sup> Cardoso (2018) discorre que as pessoas que são chamadas atualmente de rezadores são os antigos pajés. Porém, para Povo Pataxó (2011), a nomenclatura que ainda se usa é pajé.

A Juacema é um local fora da T.I. Barra Velha, localizada entre o vilarejo de Caraíva e a Praia do Espelho, na parte litorânea de Porto Seguro, em meio às falésias, onde se encontra um buraco no chão, que, para história do povo Pataxó, é de grande importância, uma vez que, para os Pataxó, foi lá que Txôpay surgiu e os criou. Segundo a história Pataxó, esse guerreiro, o Txôpay, originou uma tempestade que gerou um buraco no chão onde cada gota que caía no buraco constituía “índios belos e fortes” (POVO PATAXÓ, 2011).

Inúmeras são as histórias contadas pelos anciões sobre esse local e como ele é encantado. A história mais conhecida, contada por Rufino Vicente Ferreira, também conhecido como Tururim, relata que antigamente tinha-se formado uma vila no entorno da Juacema, que mais tarde fora destruída pelos Bakirás<sup>18</sup> após um desentendimento entre uma criança indígena e uma criança não indígena por conta de um pássaro (SANTOS, s/d).

Conforme conta Santos (s/d), a criança indígena e a criança não indígena brigaram por um filhote de bituã<sup>19</sup>, e a criança não indígena conseguiu pegar o pássaro para si, o que levou a criança indígena a voltar chorando para casa. O pai da criança indígena queria saber o que tinha ocorrido para o filho estar em tal estado e, após a resposta do filho, pediu ajuda dos indígenas Bakirás para resolver a situação.

Os Bakirás, por sua vez, atenderam ao pedido de ajuda e foram cavando por baixo do solo até chegar na Juacema. Com sua chegada na Juacema, a população local entrou em conflito com eles. Poucas pessoas restaram desse conflito, alguns foram devorados pelos Bakirás, outros foram lançados ao mar e alguns fugiram. Logo, com a vila destruída e não mais habitada a Juacema se tornou encantada (SANTOS, s/d).

De acordo com o livro “*Boitatá e outros casos de índios*”, escrito por Saíri Pataxó<sup>20</sup>, era comum, quando qualquer pessoa passava pelo local à noite, enxergarem imagens incomuns que desapareciam logo em seguida. Santos (s/d, p.

---

<sup>18</sup> Conforme dito por Tururim, Bakirás eram os indígenas aliados da etnia da criança indígena da história. Os Bakirás têm corpos fortes feito pedras, se locomovem por caminhos cavados debaixo da terra e são encantados. Acredita-se que eles habitam embaixo do Monte Pescoço, na região do município de Itamaraju (SANTOS, 2013).

<sup>19</sup> Pássaro parecido com o bem-te-vi (SANTOS, 2013).

<sup>20</sup> Saíri dos Anjos Santos é um escritor Pataxó da Aldeia Xandó.

83-84) relembra a seguinte fala de Tururim: “via uma cidade iluminada, navios no mar, lagartos de um metro de comprimento, guaiamuns de ouro e pessoas andando pra lá e pra cá”.

Em uma conversa recente com Edi, o mesmo relatou que, nas histórias dos anciões, na Juacema, havia antigamente uma lagoa com tacho de ouro, que as pessoas sempre tentavam pegar, mas nunca conseguiam por ser encantado. No entanto, na atualidade, essas visões estão acontecendo cada vez menos, o que, para Edi, está atrelado à dificuldade de preservação da região que, apesar de estar dentro da Reserva Extrativista Marinha do Corumbau – RESEX<sup>21</sup>, sofre com a expansão imobiliária, que, por conseguinte, afeta a espiritualidade do local:

Com a chegada do homem, com essa destruição isso está acabando (espiritualidade e o encantamento do local) [...] (fala de Edimarcos Ponçada Santana).

## 6.2 Monte Pascoal e Céu Azul

O Pé de Pedra, como é chamado o Monte Pascoal pelos Pataxó, está marcado pelos encontros que os antepassados Pataxó faziam com seus aliados, os Maxakali, sendo também a morada desses antigos ancestrais (CARDOSO, 2016). O Monte Pascoal está localizado dentro da T.I. Barra Velha e da U.C. do PNMP, este oficializado no dia 29 de novembro de 1961, através do Decreto nº 242, pelo então presidente Tancredo Neves<sup>22</sup>.

Os Pataxó da aldeia mais próxima do monte, a Aldeia Pé do Monte, costumam fazer o awê na mata ao redor do local, em busca de uma maior aproximação com os espíritos dos antepassados que ficam ali e pelo respeito que têm pelo local, tal como conta Edi.

---

<sup>21</sup> Informação tirada do site da Reserva Extrativista Marinha do Corumbau – RESEX: [https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/UC-RPPN/DCOM\\_ICMBio\\_plano\\_de\\_utilizacao\\_Resex\\_Corumbau\\_abril2016.pdf](https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/UC-RPPN/DCOM_ICMBio_plano_de_utilizacao_Resex_Corumbau_abril2016.pdf)

<sup>22</sup> Informação tirada do site do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/monte%20pascoal.pdf>

Conforme Povo Pataxó (2011), o awê (um dos rituais Pataxó) trata-se de um momento em que, através do canto e da dança, entram em sintonia com o ambiente e o sagrado. Esse momento, que representa “força, alegria, união e espiritualidade”, é um momento de celebração entre os Pataxó e os espíritos dos que já morreram, isto é, os espíritos dos antepassados, ocasião ritual que traz força e recarrega as energias dos Pataxó para continuarem resistindo e lutando (POVO PATAXÓ, 2011).

O awê traz segurança: a dança e o canto são instrumentos de comunhão entre os Pataxó, pois o canto é a voz dos espíritos, é mensagem entre as pessoas que faz viajar entre histórias, mergulhar em sonhos, viajar por mundos distantes. Na dança, transpira-se energia antiga e recupera-se outras da terra, do ar, da água, do fogo e de todas energias positivas que formam a natureza (POVO PATAXÓ, 2011; pgs. 89 e 90).

Monte Pascoal



Fotos: Arquivo pessoal.

Em minhas idas ao Monte Pascoal, sempre ouvia também sobre o local sagrado chamado Céu Azul, uma clareira que fica próxima ao monte e, apesar de ser da região, eu, até então, nunca tinha tido uma oportunidade de conhecer esse local, que é sempre recorrente nas narrativas Pataxó. Nas falas dos anciões e de algumas lideranças de Boca da Mata, o Céu Azul sempre foi relatado como um local de morada dos espíritos e que possuía uma atmosfera incomparável.

Em um determinado dia do mês janeiro de 2019, eu, Cida<sup>23</sup>, Edi, Nycolli<sup>24</sup> e Henrique<sup>25</sup> partimos da Aldeia Boca da Mata rumo à Aldeia Pé do Monte, para dali subirmos o Monte Pascoal. Antes de chegarmos ao nosso destino, Edi resolveu parar no Céu Azul para que eu e Henrique pudéssemos conhecer o local tão falado. Tratava-se de um local no meio da mata que tinha um posto de fiscalização do PNMP<sup>26</sup> rodeado por árvores muito altas e um buraco em meio à copa das árvores que possibilitava a visualização do céu.

Tal como o Monte Pascoal, o Céu Azul também ficou marcado pelos encontros com os antepassados Pataxó no local (CARDOSO, 2016). Segundo Edi, a história desse local é significativa: o Céu Azul era baliza dos Pataxó e de seus aliados, lá já aconteceram muitas mortes e o lugar já serviu como morada para os antepassados Pataxó; inclusive, conta-se que uma família Pataxó morava dentro de um enorme pé de pequi que havia ali.

Edimarcos expôs que o Céu Azul é um local muito forte da espiritualidade Pataxó devido a estes fatos ocorridos ali. Lá é possível ouvir pessoas andando pela mata, escutar barulhos incomuns como o de galo cantando e vaca mugindo, mesmo não havendo esses animais no local.

A professora Roseni, na época em que a escola ainda não tinha sido construída e dava aula lá, dizia que, quando dava onze horas, o horário em que as crianças iam embora e ela fica lá sozinha durante o horário de almoço, era muito estranho pra ela, porque ela conseguia escutar pessoas murmurando e galo cantando, inclusive eu presenciei também (fala de Edimarcos Ponçada Santana).

---

<sup>23</sup> Maria Aparecida Araújo, morada da aldeia Boca da Mata.

<sup>24</sup> Nycolli Araújo Santana, filha de Edimarcos Ponçada Santana e Maria Aparecida de Araújo.

<sup>25</sup> Henrique César Souza de Oliveira, colega de graduação.

<sup>26</sup> Ainda que tenha a presença do posto de fiscalização do PNMP no Céu Azul, ao contrário da Juacema, o Céu Azul permaneceu encantado, dado que a interferência humana não se deu de forma descontrolada como aconteceu na Juacema.

Para ele, Edi, ouvir o barulho desses animais incomuns na mata é a confirmação de que há espíritos no local, esses dois animais, o galo e a vaca, são, para o povo Pataxó, *símbolos de respeito*. O galo representa a pureza e o canto dele espanta espíritos ruins. Já no caso da vaca, isso depende da sua cor: se, em um sonho, aparecer uma vaca branca, significa que um espírito bom está perto de você; mas se aparecer uma vaca preta, significa que espíritos ruins estão por perto, explica Edi.

Em uma outra ocasião, ele mesmo teve esse tipo de experiência no Céu Azul. Segundo ele, em uma noite que teve que passar no posto de fiscalização junto com outras pessoas, não conseguiu dormir em razão dos pesadelos que estava tendo e escutou pedras sendo atiradas em cima do posto e pessoas caminhando do lado de fora. Logo, seu padrinho, que também estava no Céu Azul no momento do ocorrido, explicou que, essas manifestações aconteceram dado o fato de que havia não indígenas junto com eles no posto, ou seja, os espíritos dos seus antepassados ficaram descontentes com a presença não indígena no local e, se manifestaram de tal forma.

Para além do Céu Azul e do Monte Pascoal, próximo ao local da clareira, também se localiza uma cachoeira sagrada, de acordo com história contada pelo avô de Edi, seu Manoel Santana<sup>27</sup>. Diz-se que tem um determinado momento da noite que a água dorme por um piscar de olho, isto é, a água para de cair por um segundo, configurando a local como sagrado.

Por serem locais sagrados e marcos da ancestralidade Pataxó, perto desses locais não são abertas roças e nem se retira madeira para a produção de artesanato, dado que são lugares onde se busca a espiritualidade Pataxó. Cerca de um ano atrás, quando algumas pessoas começaram a se aproximar do Céu Azul e do Monte Pascoal para extrair madeira, foi feita uma vigília de sessenta dias de revezamento para proteger esses *locais de respeito*.

## **7 A mata**

---

<sup>27</sup> Manoel Santana é uma grande liderança política e espiritual Pataxó.

A mata, que está presente em todos esses lugares sagrados e em boa parte do território tradicional Pataxó, marca a ligação entre eles e os seres mais-que-humanos. No geral, os rituais Pataxó costumam ser feitos perto da mata ou dentro da mata, para uma conexão do corpo, da mente e da espiritualidade, de acordo com Edi. Ouso dizer que essa relação é o que garante o equilíbrio entre as todas partes – entre os humanos Pataxó, os seres mais-que-humanos e a natureza –, uma vez que, para ter um contato melhor com a espiritualidade, os Pataxó necessitam da mata da mesma forma que para a mata manter-se preservada é necessário que os Pataxó a proteja.

Na mata pode-se encontrar os espíritos dos que morreram e que permanecem na mata se alimentando dos seus frutos; os espíritos de pessoas ruins, que podem virar bicho bravo (CARDOSO, 2016); e a Naô Katumbayá (Espírito da Mãe da Mata). É da mata também que advêm as plantas que curam, não só doenças biológicas, mas também os males espirituais (POVO PATAXÓ, 2011).

A guardião da mata, Naô Katumbayá, mora nos pés de patioba<sup>28</sup> e protege a mata e os animais que nela habitam (POVO PATAXÓ, 2011). Segundo os anciões, para poder pegar patioba na mata é preciso pedir a permissão dela, caso contrário a pessoa fica presa e perdida na mata. A punição quanto à caça de animais indefesos, a caça sem necessidade, ou aquela que apenas fere um animal e o deixa escapar, é a mesma de quando se pega patioba sem permissão. A pessoa fica vagando pela mata sem encontrar a saída e, mesmo que esteja perto da saída, o encantamento feito pelo Espírito da Mãe da Mata não possibilita que a pessoa a veja ou a encontre, encantamento este que só pode ser desfeito por uma simpatia conhecida somente pelos Pataxó (POVO PATAXÓ, 2011).

Uma das vezes em que falei com Edi, ele reafirmou a questão de que, quando não se respeitam as regras impostas por Naô Katumbayá, as pessoas ficam perdidas na mata e só a simpatia as desencanta. Mencionou, também, que ele ficou perdido

---

<sup>28</sup> Planta utilizada para embrulhar o peixe e fazer o tradicional peixe na patioba Pataxó (POVO PATAXÓ, 2011).

certa vez em que foi para mata; não que estivesse caçando ou algo do tipo, mas que não havia preparado seu corpo<sup>29</sup> para entrar na mata:

[...] Na verdade não foi porque eu maltratei um animal. O que aconteceu comigo foi que eu estava indo para a mata outro dia, mais Cleide, a tardezinha e até o meu avô falou que era para deixar pra ir amanhã, mas, eu com teima acabei indo. Nós ia buscar uns artesanatos, né, eu vim conversando, eu lembro que nós passou o rio para o outro lado, eu mais Cleide, mas quando dei conta mim eu já estava voltando, nem fui na mata. [...] (fala de Edimarcos Ponçada Santana).

Como dito anteriormente, na mata também vivem os espíritos de pessoas ruins. Para falar sobre este assunto, permitam-me mais uma narrativa de experiência pessoal. Na ocasião da formação dos Saberes Indígenas<sup>30</sup>, algumas pessoas de outras aldeias se deslocaram para a aldeia de Boca da Mata e, ao término do primeiro dia de formação, destinei-me à casa de Edi para dormir.

Eu e Anari Pataxó estávamos nos preparando para ir dormir e, quando fomos escovar os dentes no quintal da casa, um assobio veio da mata. Anari entrou na casa, e eu, sem reação e tentando entender o que estava acontecendo, fiquei no quintal. Fui entender apenas no dia seguinte, quando ouvi minha comadre, Dajy<sup>31</sup>, falando que o que estava assobiando na mata era coisa ruim.

A coisa ruim, a qual Dajy se referia, era um espírito ruim que assobiava na mata como uma forma de encantar, no sentido ruim, e deixar-me ser guiada pelo som até ele. Cardoso (2016) afirma que esses espíritos ruins e de bicho bravo eram pessoas que em vida não eram boas e, após a morte, se transformaram nesses mais-que-humanos perigosos.

No caso de pessoas ruins quando vivos, este já é considerado como uma pessoa de espírito, que veio de uma coisa ruim, este já tem espírito de bicho bravo, seu sangue já seria um sangue de um bravo

---

<sup>29</sup> Preparar o corpo, isto é, fechar o corpo, é “convocar os orixás, encantados, santos” (CARDOSO, 2016) e/ou tomar um banho de ervas (POVO PATAXÓ, 2011).

<sup>30</sup> Programa Ação Saberes Indígenas na Escola é um programa do Governo Federal voltado para a Educação Escolar Indígena e alfabetização bilíngue.

<sup>31</sup> Maria D'juda Almeida Pires é professora e morada da Aldeia Boca da Mata.

e quando morrer pode virar bicho, após metamorfose (CARDOSO, 2016, p.328).

Parte da proteção contra esses espíritos ruins vem da mata. Algumas plantas são usadas para fazer chás, banhos e garrafadas para poder fechar o corpo das pessoas e, juntamente com as rezas, protegê-las (POVO PATAXÓ, 2011). O banho do tioiô<sup>32</sup> protege de “olho gordo” e fortalece espiritualmente o Pataxó; a amesca, quando tem sua seiva queimada, além de fortalecer o espírito da pessoa, também espanta espíritos ruins; já o capim aruanda é utilizado no ritual da aruanda para retirar espíritos ruins (POVO PATAXO, 2011) e chamar encantados (SOUZA, 2015). Desta forma, as plantas além de servirem para manter o corpo mantêm o espírito dos Pataxó.

Os lugares sagrados então, Juacema, Monte Pascoal e Céu Azul, são locais que contam e recontam a história Pataxó por meio da conexão entre eles, a espiritualidade e a mata, que abrigam os seres mais-que-humanos. Posto isso, o conjunto, lugares sagrados, mata e seres mais-que-humanos, constituem a espiritualidade Pataxó e, assim, constroem a identidade cultural deste povo.

## **8 Encantamento e desencantamento: considerações finais**

Em muitos dos relatos que ouvi, as palavras *espiritualidade* e *natureza* caminhavam lado a lado. Onde há natureza, há espiritualidade. A natureza torna-se, então, um portal ou espaço para essa conexão entre os seres mais-que-humanos e os Pataxó. É nítido, quando se traz para a reflexão as narrativas sobre o Monte Pascoal e o Céu Azul, que os Pataxó lutam para preservar esses locais sagrados da extração de madeira, construção de casas e criação de roças, para que, assim, seus encantados e espíritos se mantenham vivos. Se os lugares estão vivos seus habitantes mais-que-humanos também estão.

Por outro lado, onde se perde a natureza, os sagrados vão se esvaindo, como no caso da Juacema que, apesar de na história Pataxó ser o local do criador Txôpay

---

<sup>32</sup> Tioiô é nome popular para alfavaca do campo (*Ocimum americanum*).

e do nascimento dos indígenas Pataxó, diante da construção de barracas de praia e condomínios ao redor do local, seu encantamento vai se perdendo com o passar do tempo e a destruição ou alteração ambiental do lugar.

Posto isso, o encantamento e o desencantamento de um lugar são estabelecidos por uma ligação com a presença da natureza e a sua destruição (por meio, principalmente, do desmatamento). Um lugar sagrado é concebido pela história que carrega, pela presença dos seres mais-que-humanos e a natureza que o envolve; isso faz esse lugar encantado. Todavia, quando há a destruição/desmatamento desses locais, os mais-que-humanos se vão<sup>33</sup> e o local passa a ser desencantado.

“O pessoal pensa muito na questão da preservação da mata exatamente para poder preservar essas figuras ali, entendeu? Esses espíritos. Porque a partir do momento que você vai tirando vai derrubando ele, aquela figura deixar de existir naquela localidade” (Fala de Edimarcos Ponçada Santana).

O objetivo desse trabalho, assim, foi apresentar os locais sagrados Pataxó e quais seres mais-que-humanos os habitam. Buscou-se pontar, com isso, a relação entre espiritualidade e natureza, para esse povo, e como a preservação ambiental é importante para a constituição da própria identidade Pataxó, uma vez que ela está ligada às matas e à preservação ambiental de certos lugares sagrados centrais na história e na cultura deste povo indígena.

Os locais sagrados Pataxó contam a história desse povo e também carregam consigo sua espiritualidade, na figura dos seres mais-que-humanos. A existência desses entes mais-que-humanos nesses lugares se dá transversalmente a soma de dois fatores: a história que o lugar possui e a presença da natureza. Esse vínculo entre natureza e seres mais-que-humanos é trazido diversas vezes no texto, deixando claro que onde há natureza existem habitantes mais-que-humanos e, em contrapartida, onde a natureza não é preservada os mais-que-humanos deixam de estar presentes.

---

<sup>33</sup> Não foi possível constatar o que acontece com os seres mais-que-humanos quando isso ocorre: se, por exemplo, os mais-que-humanos passam a habitar outros lugares se ocorre a destruição de sua morada tradicional.

Forma-se a tríade, então, Pataxó, natureza e seres mais-que-humanos. Os mais-que-humanos são importantes para a espiritualidade Pataxó, assim como a natureza é importante para que haja a ligação entre eles. Por outro lado, os Pataxó são importantes na luta pela preservação da natureza, esta que mantém os seres mais-que-humanos ali presentes. Sendo assim, esta relação entre humanos Pataxó e seres mais-que-humanos é uma relação de troca. Os mais-que-humanos constroem a identidade Pataxó, bem como, os Pataxó preservam a natureza que serve de morada a esses poderosos não humanos.

Neste sentido, é possível estabelecer um nexó entre natureza e cultura, uma vez que, diferentemente da sociedade ocidental que se dissocia da natureza, opondo o que é natural ao que social ou cultural (DIEGUES, 2008), a cultura Pataxó, por sua vez, está ligada à natureza e ao mundo natural através da sua espiritualidade, que se revela, em larga medida, na presença de seus mais-que-humanos em várias porções do território Pataxó. Relação esta que sofreu ameaças durante a história Pataxó, e ainda sofre, devido à expansão agrícola, à especulação imobiliária e à criação de U.C. sobreposta ao território indígena e com pouca ou nenhuma consideração pelas formas Pataxó de ocupar e pensar o (seu) espaço.

Deste modo, vê-se a necessidade de a conservação territorial e ambiental desses locais sagrados. No entanto, é preciso que isso seja feito nos termos Pataxó do que se trata a conservação, pois, embora o PNMP seja um parque de conservação ambiental, isto é, assim como os Pataxó ele preza pela preservação da natureza, o Parque, ao contrário do que defendem os Pataxó, não abarca a presença indígena no interior de sua área. Ou seja: o que os Pataxó e o PNMP compreendem por “preservação” ou “conservação ambiental;” são coisas diferentes.

Em suma, a história desses lugares contidos no território, junto com a presença da natureza, os torna a fonte da espiritualidade Pataxó e da força dos seus moradores mais-que-humanos. Sendo, então, de grande importância preservar tanto a natureza quanto os lugares sagrados, pois estão diretamente ligados à cultura desse povo; é assim que a identidade Pataxó poderá se manter viva. Em outras palavras, preservando a natureza e esses lugares se preserva a cultura Pataxó do modo tal qual é concebida por este povo indígena habitante e guardião das matas do descobrimento.

## Referências bibliográficas

BOMFIM, A. B. **Patxohã: o processo da língua Pataxó no tempo presente**. In: Jocélio Teles dos Santos. (Org.). *Discutindo Etnicidades*. 00ed.Salvador: EDUFBA, 2014, v. 00, p. 07-199.

BRAZ, C. P. **A cultura informa o homem**. Clóvis Pataxó e Duteran Pataxó. Belo Horizonte: Literaterras: FALE/UFMG, 2012.

CARDOSO, Thiago Mota. *Paisagens em transe: ecologia da vida e cosmopolítica Pataxó no Monte Pascoal*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2018.

CARDOSO, T. M. **Paisagens em transe**: uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2016.

CARDOSO, T. M.; PINHEIRO, M. B. (Orgs.). **Aragwaksã**: Plano de Gestão Territorial do povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas. - Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Cultura com aspas e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARVALHO, M. R. G. O Monte Pascoal, os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico. In: **Cadernos CRH**, v. 22, n. 57, p. 507-521, 2009.

CARVALHO, M. R. G. **Os Pataxó de Barra Velha**: seu subsistema econômico. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

DESCOLA, Philippe. **Estrutura ou sentimento**: a relação com o animal na Amazônia. *Mana* [online]. 1998, v. 4, n. 1, pp. 23-45. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100002>>. Epub 04 Set 2000. ISSN 1678-4944. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100002>.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada** / Antônio Carlos Sant'Ana Diegues. - 6ª ed. ampliada - São Paulo: Hucitec: Nupaub – USP/CEC, 2008.

DURAZZO, L.; SEGATA, J. **Intercosmologias**: humanos e outros mais que humanos no nordeste indígena. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 185-198, jul./dez. 2020.

ECHEVERRI, J.A. **Territorio como cuerpo y territorio como naturaleza**: ¿diálogo intercultural? In: Alexandre Surallés y Pedro García Hierro. (Org.). *Tierra Adentro*:

Territorio Indígena y Percepción del Entorno. Documento N° 39 Copenhague, 2004, v. 00, p. 259-276.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto**: O município e o regime representativo no Brasil, 1948.

MALUF, S. W. **Além do templo e do texto**: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. Revista Antropologia em primeira mão. Florianópolis, v. 124, 2011, p. 5-14.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **De como obter mão-de-obra indígena na Bahia entre os séculos XVI e XVIII**. Revista de História, São Paulo: USP, No 123-132, 1994.

PEREIRA, T. S. **As etnogêneses, os índios do Nordeste e a territorialidade dos povos Jê dos Sertões do Leste**: o caso Pataxó do Extremo Sul da Bahia. ODEERE - Revista do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), v. V.3, p. 120-146, 2018.

POVO PATAXÓ. **Inventário Cultural Pataxó**: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

POVO PATAXÓ. **Leituras Pataxó**: raízes e vivências do povo pataxó nas escolas/ Secretaria de Educação. Salvador: MEC/ FNDE/ SEC/ SUDEB, 2005.

PROFESSORES PATAXÓ DO EXTREMO SUL DA BAHIA. **Uma história de resistência Pataxó** / [organização] Professores Pataxó do Extremo sul da Bahia. Salvador: Associação Nacional de Ação Indigenista; CESE, 2007.

SANTOS, L. B. **História do ponto de vista Pataxó**: território e violações de direitos indígenas no extremo sul da Bahia. Belo Horizonte/MG, Brasil, 2017.

SANTOS, S. A. **Boitatá e outros casos de índios**. Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro, s/d.

SOUZA, F. J. A. **Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas**: Descortinando o movimento das puxadas de rama. Tese (doutorado). São Carlos, 2015.

## Sites

Instituto Socioambiental – ISA.

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>

Fundação Nacional do Índio – FUNAI. <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>

Unidades de Conservação no Brasil. <https://uc.socioambiental.org/arp/997>

Fundação Nacional do Índio – FUNAI. <http://www.funai.gov.br/pngati/>

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio:

<https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/monte%20pascoal.pdf>

Instituto de Conservação Ambiental Chico Mendes – ICMBio.

<http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/194-parque-nacional-do-monte-pascoal>

Instituto de Conservação Ambiental Chico Mendes – ICMBio.

[icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/parna\\_monte\\_pascoal\\_pm.pdf](http://icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/parna_monte_pascoal_pm.pdf)

Reserva Pataxó Aldeia Velha. <https://aldeiavelha.wordpress.com/2013/06/15/mapa-das-aldeias-pataxo/>

Conselho Indigenista Missionário - CIMI: <https://cimi.org.br/2014/04/35944/>

Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/D0396.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0396.htm)

Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas:

<http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/pngati/instrumentos/>

## **Redes sociais**

Scarassatti, M. A. F. - Ação violenta da polícia em Boca da Mata, aldeia Pataxó. 26 de novembro de 2014.

Facebook: Ação violenta da polícia em Boca da Mata, aldeia Pataxó.

<https://www.facebook.com/video.php?v=10205431574811659&amp%3Bfref=nf>